

ARTEFATOS HISTÓRICO- CULTURAIS DE SURDOS: ENTREVISTA COM NANCY ROURKE

Concedida aos entrevistadores/tradutores
DANIELLE REIS ARAÚJO
DANIELLE CRISTINA MENDES PEREIRA RAMOS
JOÃO PAULO DA SILVA NASCIMENTO

Primeiramente, gostaríamos de agradecer à disponibilidade da artista Nancy Rourke, que prontamente aceitou o convite para a realização desta entrevista, dando-nos, portanto, um material inédito e de grande importância para os Estudos Artísticos Surdos.

ENTREVISTADORES: Para iniciar, você poderia nos contar um pouco sobre você, sua trajetória de vida e seu percurso artístico?

NANCY ROURKE: Comecei a levar a arte a sério aos seis anos de idade, quando meus pais descobriram que nasci surda. O médico disse a eles que eu tinha dificuldade de aprendizagem e dificuldade de fala, e isso foi diagnosticado incorretamente. Nasci prematura, faltando dois meses para o fim da gestação, e fiquei no hospital por um mês. Eu cresci frequentando um programa para oralização de surdos em uma escola pública de ouvintes em San Diego, onde tinha uma sala de aula modular no outro extremo do *campus*. Fazer arte quando era criança era minha maneira de me comunicar com minha família. Nasci para ser artista. Eu pegava uma sacola cheia de lápis de cor, borrachas e papéis para desenhar. Durante os intervalos na escola, sentava e fazia desenhos até a hora de ir para a aula.

Comecei a fazer pintura a óleo quando tinha cerca de dez anos. Eu pintava pedras e depois as vendia para os amigos. Em meados da década de 1970, trabalhei com um escritor e ilustrador em um livro sobre habilidades para pessoas surdas em San Diego e outro sobre linguagem de sinais no Salk Institute, La Jolla, Califórnia.

Estudei Design Gráfico e Belas Artes em Pintura. Meu primeiro trabalho como designer gráfica foi na Xerox Corporation, IBM, em San Diego. Trabalhei também na Microsoft, em Seattle, até me tornar uma artista em tempo integral em Denver, Colorado.

ENTREVISTADA: NANCY ROURKE

Artista plástica surda estadunidense, integrante do movimento de arte surda De'VIA. <http://www.nancyrourke.com/biography.htm>.

DANIELLE REIS ARAÚJO

UFRJ, dannyreisaraujo@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1038-4760>, elaboração e tradução.

DANIELLE CRISTINA MENDES PEREIRA RAMOS

UFRJ, danielle@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-6439-748X>, elaboração e tradução.

JOÃO PAULO DA SILVA NASCIMENTO

UFRJ, jpnascimento@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-8392-4265>, elaboração e tradução.

Quando vi pela primeira vez um livro com título "Entendendo a cultura de surdos em busca da surdez", foi o início do movimento De'VIA na minha vida. Foi uma grande mudança, porque sabia que algo estava faltando e não conhecia minha própria identidade como pessoa surda. Eu sabia muito pouco sobre o De'VIA e não prestei muita atenção a isso até ler o livro. Nos dez anos de criação de obras de arte do De'VIA fiz mais de 3.000 pinturas. Tornei-me uma artista prolífica e pintava todos os dias.

Enquanto fazia residência artística, às vezes eu levava minhas tintas e telas para pintar em outro lugar. Eu carrego um caderno de desenho em todos os lugares que vou e uma pequena caixa cheia de lápis de grafite. Também tomo notas para quaisquer ideias que reúno para as próximas pinturas. Tenho vários cadernos de desenho que guardo ao longo dos anos. Todo ano, me pergunto: o que vem a seguir? O que quero pintar? O que quero fazer?

Eu sempre planejo coisas à procura do que precisa ser feito. Por exemplo, algo que estava esquecido e precisava de atenção, um pouco de ativismo. Todo ano eu faço o *challenge* (desafio) de fevereiro. Neste ano, de 2020, escolhi como tema um livro, "A máscara da benevolência: desabilitando a comunidade surda", de Harlan Lane. Eu escolhia um parágrafo que se encaixasse em um motivo e fazia uma pintura. Ainda estou trabalhando nisso. Vou publicá-lo em breve no Facebook e no site www.nancyrouke.com.

I started taking art seriously at the age of six, when my parents first found out I was born deaf. The doctor told them I had a learning disability and speech impairment and that was misdiagnosed. I was born premature at two months and stayed in a hospital for a month. I grew up going to a Deaf Oral program in a public hearing school in San Diego, where they had a 'portable' classroom at the far end of the campus. Making art at an early age was my way of communicating with my family. I was born to be an artist. I would take a tote bag filled with coloured pencils, erasers and papers to draw pictures. During recesses, I would sit and draw pictures until it was time to go to class.

I started oil painting when I was about ten years old. I painted rocks and sold them to friends. In the mid 1970s, I worked with a writer and an illustrator, one book was about living skills for Deaf people in San Diego and another was a sign language book at Salk Institute, La Jolla, California. I studied Graphic Design and Fine Arts in Painting. My first career as a graphic designer was at Xerox Corporation, IBM, in San Diego and then at Microsoft, in Seattle, until I became a full-time artist in Denver, Colorado. When I first saw a book called 'Understanding Deaf Culture in Search of Deafhood,' that was the start of De'VIA movement I got into my life. That was a change in my life because I knew something was missing and I did not know my own identity as a Deaf person. I knew very little about De'VIA and did not pay close attention to that, until

I read that book. In the ten years of making De'VIA artworks I have made over 3,000 paintings. I became a prolific artist and I would paint every day.

While on my artist in residency, sometimes I would bring my paints and canvas to paint elsewhere. I carry a sketchbook everywhere I go and a small box filled with graphite pencils. I also take notes for any ideas I have gathered for the next paintings. I have a bunch of sketchbooks that I keep over the years. Every year, I ask myself what is next. What do I want to paint? What do I want to do?

I always plan on things that I look for something that needs to be done. For example, something that is overlooked and needed attention, a bit of activism. Every year I do the February challenge. This year, 2020, for a theme I picked a book, The Mask of Benevolence: Disabling the Deaf Community, written by Harlan Lane. I would pick out a paragraph that fits for a motif and make a painting. I am still working on it. I will post it soon on Facebook and in www.nancyrourke.com.

ENTREVISTADORES: Sabemos que você teve uma primeira exibição artística em 1979, na Galeria Nacional de Arte em Washington, DC, antes de você integrar o movimento artístico De'VIA. Gostaríamos de saber como foi essa vivência para você, especificamente sua relação com as obras apresentadas. Naquele momento, você já pintava experiências surdas, ou tinha isso em mente?

NANCY ROURKE: A obra de arte que foi exibida na Galeria Nacional de Arte não era uma peça relacionada com o tema surdo. Foi um desenho a tinta. Eu fiz algumas obras com o tema surdo quando estava no Ensino Médio que eram relacionadas ao De'VIA, no entanto, eu não conhecia o De'VIA até meados de 2000. Olhei para o passado pensando sobre os trabalhos anteriores que havia feito e eu achei interessante. Eu certamente teria ficado frustrada em um programa convencional, onde expressasse as minhas emoções através da arte.

The artwork that was showcased at the National Art Gallery, was a non Deaf-themed related piece. It was an ink drawing. I did some Deaf-themed artworks when I was in high school that were De'VIA related, however I never knew about De'VIA until in the mid 2000s. I looked back thinking about the earlier works I had done, I thought that was interesting. I must have been frustrated in a mainstreamed program where I expressed my emotions into art.

ENTREVISTADORES: Sabemos que você teve um período de hiato em sua carreira artística, durante o qual você se dedicou ao trabalho de design. Você poderia nos contar um pouco sobre os motivos pelos quais você teria decidido desistir da carreira artística? Houve alguma implicação proveniente do fato de você ser mulher surda?

NANCY ROURKE: Foi por isto que estudei dois campos de arte para minha carreira: Design Gráfico e Belas Artes em Pintura. Tenho que admitir que o trabalho de Design Gráfico me exauriu, por causa da minha mão usando um mouse ou uma caneta digital na frente da tela por horas. Trabalhar como pintora me dá muito mais liberdade, ou seja, pensamento mais criativo, 'brainstorming' (tempestade de ideias), a capacidade de esboçar e de me movimentar. Agora, houve um hiato na minha carreira artística, sim, quando entrei no movimento de arte De'VIA. Dediquei um tempo à pesquisa e estudei a história dos artistas surdos e seus estilos de trabalho artístico e, como ativista, isso me inspirou muito. Eu faço vários esboços todos os dias.

This is why I studied two art fields for my career. Graphic Design and Fine Arts in Painting. I have to admit that graphic design on a screen caused burnt out, because of my hand using a mouse or a digital pen and in front of the screen for hours. Working as a painter gives me much more freedom, that is, a more creative thinking, brainstorming, sketching and moving around. Now, there was a hiatus in my artistic career, yes, when I first got into De'VIA art movement. I took the time to research, and studied the history of deaf artists and their art style of work and being an activist, all of that inspired me so much. I make numerous sketches every day.

ENTREVISTADORES: Em 2010, você se envolveu com o movimento artístico De'VIA. Conte-nos um pouco sobre como você conheceu esse movimento, quais foram suas primeiras impressões e no que isso impactou sua vida, sua maneira de perceber o mundo e a retomada de sua paixão pela pintura, que passou a ser utilizada como meio afirmativo de sua cultura e identidade.

NANCY ROURKE: Em 2010, eu iniciei minha carreira como artista profissional em tempo integral. Eu primeiro iniciei no De'Via, em 2009, com sete pinturas com o tema da surdez. Escrevi uma proposta de concessão sobre o De'VIA através da surdez e como a surdez impactou a minha vida no De'VIA. Fiquei feliz de receber fundos para iniciar meu trabalho. Comprei um novo computador, escrivaninha, cadeira, cavaletes, tintas a óleo, pincéis de pintura e telas. Desenvolvi um novo website para o meu negócio e fiz mais de cinquenta pinturas, que comecei a vender em uma *Deaf Expo* em Las Vegas, quando abri o meu ateliê pela primeira vez.

Voltando à criação de arte, não lembro a primeira vez que tive contato com o De'VIA. Lembro-me de fazer uma pequena apresentação para uma turma e que um professor perguntou se eu considerava que estava fazendo arte De'VIA. Respondi: "talvez mais tarde", pois hesitei a princípio, uma vez que não sabia muito sobre o De'VIA. Até encontrar o livro de Paddy Ladd sobre a surdez, quando fiquei ansiosa para conhecer mais sobre o

De'VIA. Trabalhei duro e fiz muitas obras artísticas sobre resistência. Durante o primeiro ano, todo foco foi na autoexploração, procurando dizer a verdade e me aceitando com a identidade surda. Eu nunca entendi porque cresci fortemente colonizada pela oralização, enquanto a língua de sinais era desencorajada na comunicação de pessoas surdas. Fiz arte baseada nas minhas próprias experiências como surda e queria que o mundo visse o que passei durante a minha vida, como fui rotulada como "deficiente auditiva" e "modelo de enfermidade". Depois de um ano produzindo obras artísticas de resistência e autoexploração, comecei a fazer obras artísticas com o foco na comunidade surda. Fiz apenas algumas obras de arte de afirmação, porque estava com raiva e aborrecida em ver como os surdos eram tratados pela dominação do mundo ouvinte.

In 2010 I started my business as a full-time professional artist. I first started into De'VIA in 2009 with seven deaf-themed paintings. I wrote a grant proposal about De'VIA through Deafhood and how Deafhood impacted my life into De'VIA. I was happy to receive the funds to get my business started. I bought a new computer, desk, chair, easels, oil paints, paintbrushes and canvases. I developed a new website for my business and did over 50 paintings, to start selling them at a Deaf Expo in Las Vegas and that was where I first opened my business.

Back to creating art, I do not remember

when I first learned about De'VIA. I do remember giving a small presentation for a class and a teacher asked if I would consider making De'VIA art. I replied, "maybe later," as I hesitated at first, because I did not know much about De'VIA. Until I found the book written by Paddy Ladd, on Deafhood, that was when I was eager to learn more about De'VIA. I worked hard and made many resistance artworks. During the first year, everything was focused on self-exploration, seeking for the truth to be told and accepting myself as a Deaf identity.

I never understood why I was heavily colonized growing up Deaf oral when sign language was discouraged from using them to communicate among Deaf people. I made art based on my own Deaf experience and I wanted the world to see what I went through during my life, how I was labeled as a 'hearing-impaired' and an 'infirmary model'. After a year of making self-exploration resistance artworks, I started making artworks that were focused on the Deaf community. I made only a few affirmation artworks because I was angry and upset to see how Deaf people were treated by the dominated hearing world.

ENTREVISTADORES: Você possui uma pintura muito engajada na afirmação das identidades e culturas surdas, principalmente por retratar artisticamente a situação de opressão imposta pelo oralismo à comunidade surda mundial. Inclusive, em um de seus

quadros, Global Deaf Connect, você retrata um fator conectivo entre diferentes comunidades surdas ao redor do mundo pelas línguas de sinais. Com base nisso, você poderia falar sobre a importância das línguas de sinais para as comunidades surdas e, especificamente no seu caso, da ASL (American Sign Language, Língua Americana de Sinais) para sua experiência artística?

NANCY ROURKE: A pintura do Global Deaf Connect foi feita em 2011, com 11 por 14 polegadas. Mais tarde, fiz mais versões da mesma pintura em telas maiores. Essa era uma das pinturas mais populares, usada em apresentações, livros e revistas, murais e pôsteres. Eu fiz a pintura por várias razões. A primeira foi dar reconhecimento às línguas de sinais de outros países. A segunda foi mostrar uma colaboração da comunidade Surda entre outras, onde somos iguais enquanto povo surdo. A terceira foi estabelecer uma conexão entre todos os surdos ao redor do mundo. A quarta foi respeitar todas as culturas do mundo e suas diversidades e, por fim, reconhecer diferentes línguas de sinais, por exemplo: ASL, BSL – British Sign Language (Língua de Sinais Britânica) –, LSF – French Sign Language (Língua Francesa de Sinais) – e assim por diante. Há um mundo inteiro com países identificados de onde provêm línguas de sinais.

The painting of Global Deaf Connect was made in 2011, on a 11 by 14 inch. Later, I made more versions of the same pain-

ting in larger scale canvases. This was one of the most popular paintings, that had been used for presentations, books and magazines, murals and posters. I did the painting for a number of reasons. One was to support a recognized sign language in other parts of the countries. Two, was to show a collaboration of the Deaf community among others where we are the same as Deaf people. Three, was to connect a unity among all Deaf people around the world. Four was to respect all cultures of the world, with a diversity of people of colors and lastly, to recognize different codes of sign languages, for example, ASL – American Sign Language –, BSL – British Sign Language –, LSF – French Sign Language – and so on. There is a global world with countries labeled where sign languages come from.

ENTREVISTADORES: Como você vê a relação entre a arte surda e a luta política por direitos sociais das comunidades surdas?

NANCY ROURKE: Livros como *The Mask of Benevolence (A máscara da benevolência)*, de Harlan Lane, ou *Understanding Deaf Culture in Search of Deafhood (Entendendo a cultura surda em busca da surdez)*, de Paddy Ladd, mostram as lutas políticas pelos direitos sociais das comunidades surdas. Como eu os transformei em Arte Surda, principalmente inspirada pelo Surdismo, um movimento artístico criado por um artista surdo-cego, Arnaud Balard, que escreveu o manifesto em 2009 sobre a justiça social e

a mudança social na arte surda. Eu fiz algumas pesquisas e me encontrei apenas com pessoas que precisavam de um alerta rápido.

Algo precisa ser dito, em vez de ser varrido para debaixo do tapete. Fazer arte era uma maneira de chamar a atenção. Isso se torna uma mensagem poderosa e, apenas por fazer arte vejo uma ação acontecendo. Palavras que vêm da leitura ou da comunicação através das pessoas às vezes não são suficientes para serem expostas. Há uma diferença entre arte surda e De'VIA ou Surdismo. Arte surda é arte em geral feita pelo artista surdo. De'VIA (exibição de surdos / arte da imagem) é uma arte sobre a experiência dos surdos. O mesmo vale para o Surdismo com um fundo de luta política. Não há política no De'VIA. Mas tanto o De'VIA quanto o Surdismo mostram motivos e símbolos, pesando fortemente nas metáforas quando expressam política na arte. Estou mudando meu caminho, indo em direção ao Surdismo. Eu tenho muito respeito pelo De'VIA, mas devo seguir em frente e criar mais arte que seja política. Há tanta coisa para fazer arte que me preocupo com as crianças surdas no futuro. Especialmente com as crianças surdas que utilizam implante coclear, com os seus traumas e experiências boas ou ruins. Muitos não conhecem sua identidade.

Books like The Mask of Benevolence written by Harlan Lane, or Understanding Deaf Culture in Search of Deafhood,

by Paddy Ladd, show the political struggles for social rights in Deaf communities. How I made them into Deaf Art, mainly inspired by Surdism, an art movement coined by a DeafBlind artist, Arnaud Balard, who wrote the manifesto in 2009, about the social justice and social change in Deaf art. I did some research, and just by meeting with different people that I see needs a fast wake-up call.

Something needs to be told, instead of sweeping under the rug. By making art, was one way of getting attention. This makes it a powerful message just by making art and I see an action going on. Words from reading, or by communicating through people are sometimes not enough to get exposed by. There is a difference between Deaf art and De'VIA or Surdism. Deaf art is art in general made by Deaf artist. De'VIA (Deaf View/Image Art) is art about the Deaf experience. The same goes to Surdism with a background of political struggle. There is no politics in De'VIA. But both De'VIA and Surdism show motifs and symbols, weighing heavily on the metaphors when expressing politics into art. I am changing my path, going to that direction to Surdism. I have much respect for De'VIA, but I must move forward and make more art that is politics. There is so much to make art that I worry about the Deaf children in the future. Especially about the Deaf children with cochlear implants and their traumas and experiences good or bad. Many of them do not know their identity.

ENTREVISTADORES: Como você se sente ao que tange à visibilidade em ser uma artista surda? Você sente algum preconceito por parte dos espectadores pelo fato de você ser mulher e surda?

NANCY ROURKE: Essa é uma ótima pergunta. Vou começar com a visibilidade de ser uma artista surda. As pessoas me veem como uma artista prolífica e trabalhadora, uma "artista brava", como alguns me chamam, sempre séria, uma mente própria, introvertida e que não tem medo de falar. Eu me sinto bem com isso, exceto por ser uma artista zangada, não é sempre assim. As pessoas não me conhecem bem o suficiente para me chamar de artista zangada ou de uma pessoa agradável para se ter por perto. Eles me dizem que eu sou uma artista séria, o que é verdade, mas estou sempre pensando, e fazendo anotações sobre o que está próximo para pintar uma tela. Sim, algumas vezes eu me sinto prejudicada somente quando eles não veem o que estou mostrando em minhas pinturas como "uma verdade a ser dita". Sendo uma artista mulher, trabalho duro para mostrar que são as mulheres artistas que veem as coisas que são tão importantes e não tem medo de falar.

These are great questions. I will start with the visibility of being a Deaf artist. People see me as a prolific, hard-working artist, an angry artist as some call it, always serious, a mind of its own, an introvert, and not afraid to speak up. I feel good

about that, except for being an angry artist, which is not always that way. People do not know me well enough to call me an angry artist or a pleasant person to be around with. They tell me that I am a serious artist, which is true, because I am always thinking, and making notes on what is next to paint on a canvas. Yes, sometimes I feel prejudiced only when they do not see what I was showing my paintings as 'truth-be-told,' Being a woman artist, I work very hard to show that women artist are the ones who see things that are so important and not afraid to speak up.

ENTREVISTADORES: Você possui uma pintura autorretratista a que você atribuiu o título de "Deaf View Image Art" ("Imagem da arte sob uma visão surda"), que, segundo você, traz a imagem oculta de um autorretrato formado por diferentes telas sobre a experiência surda. Em todas as obras, o seu processo artístico se mostra muito nítido, funcionando por si só como uma espécie de autorrepresentação. Então, poderíamos dizer que todas as suas obras, por trazerem à tona narrativas surdas, são de alguma maneira autorrepresentativas?

NANCY ROURKE: Sim, eu fiz a pintura de um auto-retrato chamado "Deaf View Image Art". Eu a pintei para a Exposição Internacional de Artistas Surdos em São Petersburgo, Rússia. Quando fiz uma apresentação sobre "O que é De'VIA?", um artista surdo russo se levantou e gri-

tou "Você é uma artista zangada! Nós não precisamos disso!". Nessa exposição, havia dois grupos separados, um era um grupo conservador, com integrantes comunistas que viveram durante o período da URSS. Eles estavam à vontade e tinham tudo o que precisavam em suas vidas. O outro era um grupo liberal de ativistas surdos mais jovens que foram desligados pela Federação Russa. Esses aplaudiram em voz alta o que eu estava mostrando nas obras de arte do De'VIA e estavam ansiosos para aprender mais sobre a verdade que precisava ser exposta. A pintura que eu fiz para a mostra de arte russa pretendeu exibir diferentes motivações. Dessa forma, o autorretrato, que continha cores potentes e simbólicas, teve em seu cerne o olhar para todas as experiências e opressões sofridas por pessoas surdas durante a vida inteira. Mais tarde, descobri que essa pintura foi roubada e usada em outra exposição de arte em Moscou, na Rússia. Recuperei a pintura quatro anos depois, devido a um amigo ter se arriscado para trazê-la de volta de onde estava escondida. De fato, essa pintura tem sua própria expressão de uma maneira autorrepresentativa. Os surdos russos sabiam o tempo todo que era uma pintura popular.

Yes, I do have the self-portrait from a painting called, "Deaf View Image Art" without the slash. I painted it for the International Deaf Artists Exhibition in St. Petersburg, Russia. When I gave a presentation about "what is De'VIA?", a Deaf

Russian artist stood up and yelled, "you are an angry artist! We do not need that!" There were two separate groups, one was a conservative group where they were raised communists, and lived during the time of the USSR, they were comfortable and had everything they needed in their lives. Another was a liberal group of younger Deaf activists that was turned off by the Russian Federation. They applauded loud on what I was showing, De'VIA artworks, and they were eager to learn more about the truth be told that needed to be exposed. The painting that I made for the Russian art show was to show different motifs and the self-portrait was standing behind looking at all of the experiences and oppression she went through all her life, and the powerful colors that have meanings behind them. I also learned that this painting got stolen and used for another art exhibition in Moscow, Russia. I never got the painting back until four years later, after a friend risked his life to bring back the painting, that was hidden in someone's home. Indeed, the painting has its own expression in a way of self-representation. The Deaf Russians knew all along that it was a popular painting.

ENTREVISTADORES: Você costuma fazer algumas releituras de obras famosas sob a ótica da pintura surda afirmativa, como, por exemplo, Frida Khalo surda e a Monalisa surda. Isso seria uma maneira de ressignificar o universo artístico de modo a torná-lo mais inclusivo para pessoas surdas?

NANCY ROURKE: Sim, exatamente. Eu posso ver porque não. Há um pouco de orgulho ali. É também uma maneira chocante de mostrar ao público porque as pinturas na verdade envolvem mais o povo Surdo, apenas para torná-las mais inclusivas e para serem mais respeitadas entre outras pessoas surdas ao redor do mundo.

Yes, exactly. I can see why not. There is a bit of pride in there. It is also a shocking way to show to the public because the paintings actually bring in more Deaf people, just to find them more inclusive and to be more respectful among other Deaf people around the world.

ENTREVISTADORES: **Sabemos que você tem como influências os movimentos Fauvismo, Neoexpressionismo, The Stilj e, devido a isso produziu seu estilo artístico próprio, caracterizado pelo uso monocromático de cores predominantemente primárias. Poderia nos contar um pouco por que a aproximação especificamente com esses movimentos?**

NANCY ROURKE: Sim, esses movimentos artísticos me influenciaram quando eu aprendi sobre os próprios artistas, quem eles eram e porque faziam a arte daquela forma. Eu gosto de como eles usavam o processo de raciocínio e as conversas sobre arte com outros artistas quando se reuniam em um pub. Tais discussões sobre a política na arte e seus estilos artísticos foram estabelecidos em

diferentes direções, que os tornaram e suas obras tão famosas. Eu amo as cores que eles usavam, as configurações e formas de seus próprios trabalhos. E porque as cores que eu usei são cores primárias juntamente com o uso monocromático, o meu trabalho se torna poderoso. Eu amo a configuração original de cores sem qualquer mistura, o grupo puro de cores primárias. O uso das cores primárias de modo monocromático, no ofício, dá um intervalo entre os pigmentos, fazendo, assim, uma harmonização. Ou vice-versa, uso os pigmentos monocromáticos para fazer uma expressão emocional na pintura, o que dá uma mensagem impactante.

Yes, the art movements are my influences as I learned about the artists themselves, who they were and why they made such art like that. I like how they used their thinking process and the art conversations they had among other artists when they gathered together in a pub, discussing on politics in art, and their art styles were established going to different directions that made them and their artworks so famous. I love the colors they used, and the shapes and forms of the works themselves. And because the colors that I used are primary colors along with monochromatic use makes it powerful. I love the original setting of colors without any mixing. A pure group of primary colors. And because I use the monochrome pigments, they give the primary colors a break in between, or to keep them separate, making peace.

Or vice versa, I use the monochrome pigments to make an emotional expression on the painting, which gives a powerful message.

ENTREVISTADORES: Como você configurou o sistema de significados pelo uso de cores e signos que remetem diretamente à experiência surda?

NANCY ROURKE: Eu estava tentando mostrar a maneira como interpreto minhas próprias pinturas usando diferentes motivos e cores. Eu procuro o significado de algo escolhendo um símbolo e apenas o chamo dessa forma. Eu sabia que parecia ser o correto e era exatamente o que eu queria expressar.

The way I interpret my own paintings using different motifs and colors are what I was trying to show. I search for a meaning of something by picking out a symbol and just call it that way. I knew it feels right and it is exactly what I wanted to express.

Entrevistadores: Como era o seu olhar sobre o De'VIA antes e como ele é agora? Você tem algum tipo de crítica ou comentário a fazer sobre as mudanças que possivelmente esse movimento teve ao longo do tempo?

NANCY ROURKE: Ali e aqui, sim, eu recebo elogios e críticas. Eu daria maior importância aos elogios porque as pessoas amam, assim como eu, o trabalho com as cores primárias. O público diz

que as minhas obras são bastante diferentes de outras obras de arte. Eles gostam das cores vivas e ousadas e, por isso, ficam impressionados com a forma que eu pude trabalhar, com apenas três cores. Eu me limito usando apenas um número pequeno de cores e não um conjunto amplo. Minhas produções anteriores mostram muito trabalho 'livre'. Isso quer dizer que eu produzi minhas telas rapidamente e sem fazer nenhum plano prévio. As ideias simplesmente aparecem, eu pego uma tela e pinto a partir daí aplicando diversos estilos. As pinturas mais recentes são mais focadas nos retratos, você vê mais detalhes nos olhos, boca e cabelo. Recebo retorno de pessoas que queriam que eu ficasse com a pintura 'livre', enquanto outros querem ver mais detalhes nas pinturas. Eles são todos diferentes e eu apenas pinto da minha própria maneira. O tempo muda e minhas pinturas também mudam um pouco.

Here and there, yes, I get compliments and I get criticism. I would weigh more on the compliments because they love how I work with primary colors. They tell me it is so different from other artworks they see. They like the bold, vivid colors. They were impressed at how I was able to work with just three colors. I limit myself by using such small number of colors and not a broader array of colors. My earlier works show a lot of "loose" work and what I meant by that is I did them fast and without making any plan

for the paintings. The ideas just pop in and I would grab a canvas and paint from there. I can make a big difference in art style from then to now. The newer paintings are more focused on the portraits, you see more details on the eyes, mouth and hair. I do get feedback from people who wanted me to stick with the 'loose' painting while others want to see more details in the paintings. They are all different and I just paint from my own mood. Time changes and so my paintings change a bit as well.

ENTREVISTADORES: Como você acha que a comunidade acadêmica recebe o De'VIA enquanto um movimento artístico legítimo, tal como outros tantos contemplados na história da arte? Você acha que há o devido tratamento e que esse seja um tópico importante para a formação de profissionais de artes, sejam ouvintes ou surdos?

NANCY ROURKE: Hoje em dia, o Surdismo é muito popular. Esse movimento artístico-político tem cinco gêneros de expressão, enquanto o De'VIA possui apenas um. Os cinco gêneros são artes visuais, performance, filme, literatura da ASL e literatura inglesa, todas baseadas na experiência surda com a justiça social e as mudanças sociais na política. É isso que os artistas têm usado hoje. O De'VIA ainda é usado em níveis acadêmicos, especialmente para a formação de profissionais de arte. Ofereço residência artística a profissionais de arte em escolas e universidades de surdos com o fim de

ensinar sobre o De'VIA para estudantes que estão aprendendo sobre experiências de pessoas surdas na arte. O Surdismo e o De'VIA são dois movimentos artísticos diferentes. São muito similares, exceto pelo De'VIA não usar política na arte. Tanto o De'VIA, quanto o Surdismo, são usados em arteterapia e também em terapias de traumas por meio da arte. Quando eles não sabem como se expressar com palavras, fazem arte para mostrar suas verdadeiras expressões. Isso se aplica para todos os surdos e ouvintes que desejam aprender sobre a experiência artística de surdos, seja Surdismo ou De'VIA. Eu digo que o Surdismo é o mais popular, isso porque são usados em filmes, teatros, em ASL e escritos como poema, todos expressam a experiências dos surdos com a política.

Nowadays, Surdism is very popular. Surdism has five genres in its art movement while De'VIA has only one. The five genres are visual art, performing, filming, ASL literature, and English Literature, all are based on Deaf experience with social justice and social change in politics. That is what the artists are using today. De'VIA is still being used in academic levels, especially for training art professionals. I still train professionals on De'VIA and do artist residency at Deaf schools and universities to teach on De'VIA to students who are learning about the Deaf experience into art. Both Surdism and De'VIA are two different art movements. They are very similar, except De'VIA does not

use politics in art. Both De'VIA and Surdism are also used for art therapy, and trauma art therapy as well, when they do not know how to express themselves in words, they make art instead, to show their true expressions. This applies to all Deaf and Hearing who are eager to learn about Deaf experience in art, whether it is Surdism or De'VIA. I say Surdism is the most popular, is because they are used in films, in theatre, in ASL and in written like a poem, all express the Deaf experience with politics.

Entrevistadores: O que você diria a jovens artistas surdos e a pessoas que pesquisam arte surda?

NANCY ROURKE: Eu diria a eles que não há certo ou errado ao fazer a arte De'VIA. Aconselho, no entanto, que se sintam certos e fortes sobre suas próprias experiências ou políticas para surdos, mais ainda com o ativismo que eles sentem e querem expressar na arte. Sendo assim, incentivo-os a acompanhar e a criar mais Surdismo e a fazer mais arte quando sentirem a urgência de expressar algo. Quando vejo a maneira como tais artistas jovens pensam e veem o mundo, encorajo-os a fazer arte e a não mantê-la em silêncio.

I will tell them that there is no right or wrong in making De'VIA art. I tell them however they feel right and strong about their own Deaf experience or politics, more so on the activism that they feel they want to express in art, to do so

now, by encouraging them to keep up and make more Surdism, when they feel it is urgent and want to express loud, they should make more art. When I see their way of thinking and how they see the world, to make art and not keep it in silence.

As perguntas são muitas e com certeza não se esgotam nesta belíssima entrevista! Mais uma vez, agradecemos carinhosamente a você por ter aceitado nosso convite e ficamos confiantes de que a publicação deste material inédito será de grande ajuda à difusão da Arte Surda no Brasil!

Obrigado!!!!

Os entrevistadores.